

LER O ARQUIVO HOJE

Solange Leda Gallo

Giovanna Benedetto Flores

Ângela Pinotti

Catarina Rivadávia de Souza

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL

Mestrado em Ciências da Linguagem - Florianópolis

Apresentaremos aqui algumas reflexões possíveis acerca do texto “**Ler o Arquivo Hoje**”, de Michel Pêcheux (1982), cuja tradução brasileira (trad. Maria das Graças L. Morim do Amaral) foi publicada no livro GESTOS DE LEITURA (org. Orlandi, E. – 1994).

Esse artigo de Pêcheux surpreende, primeiramente, por sua atualidade. O leitor que não tiver a referência bibliográfica, poderá tomá-lo, sem dúvida, por um texto produzido neste século XXI.

Ele trata da questão do arquivo, e ele define, no próprio texto, essa noção, ali entendida no sentido amplo de “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”.

Não se pode, no entanto, nesta primeira década do novo século, evitar de ler tal noção, a partir de um certo recorte que seria “campo de documentos pertinentes e disponíveis **na rede**, sobre uma questão”. Aliás, logo no início do texto, o próprio autor se referirá ao interesse pelos “bancos de dados”. Ao falar dos tais bancos de dados, Pêcheux evoca a expressão “clivagens subterrâneas”, que sendo contraditórias, resultam em diferentes maneiras de se LER O ARQUIVO.

Recentemente, muitas publicações anunciam os novos tempos “digitais”. Alvim Toffler, por exemplo, diz que um novo poder influenciaria de maneira

decisiva a humanidade. Esse poder estaria na informação. A verdade é que com o desenvolvimento da tecnologia da informação, passamos a conviver com um maior fluxo de dados que circulam. No entanto, um dilema acompanha esses novos tempos: qual é a informação que importa? E não se trata somente de sermos seletivos quanto a escolha da informação que mais nos interessa: dentro dessa problemática, preocupa-nos, especialmente, a questão do gesto de leitura.

Vamos dar um exemplo para mostrar o que estamos entendendo por gesto de leitura em um ambiente informatizado. É comum os usuários terem dificuldade de se mover no espaço virtual, depois de terem entrado em um site, pois eles dependem de links para sair, e muitas vezes eles têm dificuldade em encontrar esses links. Tudo isso força uma fidelidade. Mais habitual ainda é o caminho já “construído” que se atualiza quando o usuário vai “clitando” os links propostos em cada site visitado. O que se observa nesses casos, é que apesar da aparente liberdade, **a polissemia dos sentidos e as diversas maneiras de interpretar são limitadas pelo recorte já produzido pelo gesto de leitura (técnico-científico).**

Os produtores destas informações são os “cientistas”, conforme Pêcheux, “os produtores/utilizadores dos instrumentos”. O discurso destes cientistas é determinado duplamente: por um lado pelas características e possibilidades/limites da tecnologia e dos instrumentos, e de outro, pela característica da própria linguagem informatizada (digital). Os dois determinantes definem o recorte para o arquivo que “seleciona” os textos, compondo aquilo que constitui a memória.

Assim, se no nível do conteúdo se percebe possíveis conflitos, evidentes nos documentos disponíveis sobre determinada questão, o trabalho de interpretação que determina inclusive o que estará ou não disponível sobre a determinada questão, se processa (antes, em outro lugar) pelo gesto de leitura do “técnico-cientista”. Esse recorte depende de um gesto que não é nem consciente, nem individual. Trata-se de um gesto de leitura subjacente, de nível discursivo.

Pêcheux contrapõe essas duas “culturas” envolvidas no problema do gesto de leitura do arquivo: a “cultura dos literatos” e a “cultura dos cientistas”, sendo a primeira relativa aos historiadores, filósofos, pessoas de letras, etc, e a segunda aos “fabricantes-utilizadores de instrumentos”. Poderíamos encontrar uma situação parecida, no Brasil, em relação ao distanciamento que existe entre a área das ciências exatas e área das ciências humanas.

Todo interesse é o de mostrar essas duas “culturas” enquanto lugares específicos de produção de sentido e, portanto, lugares discursivos distintos, que resultam em diferentes, e muitas vezes até contraditórios, processos discursivos.

A relação que Pêcheux faz entre essas duas culturas e a leitura de arquivo, é a de que essa tarefa está, neste momento, mudando de mãos. Ou seja, se até hoje, por tradição, eram os literatos que tinham a responsabilidade pela “leitura do arquivo”. Agora, essa responsabilidade, e esse poder, está passando para as mãos dos cientistas (e técnicos).

A razão disso está justamente situada na questão dos “bancos de dados”. São eles que hoje estão disponibilizando, ou não, dados que permitem uma interpretação de determinada questão. Não se trata mais de uma exclusividade de livros escritos por literatos. Além disso, tais livros estão, eventualmente, eles também disponíveis nos bancos de dados. E aqui, o fato que vale a pena salientar, é que a ordem desse discurso, que disponibiliza os textos, não é a mesma em que o livro foi produzido.

Além disso e, principalmente, é essa ordem que faz a “clivagem subterrânea” que vai recortar o arquivo de determinada maneira. E, finalmente, é o material resultante dessa clivagem, que estará disponível para ser interpretado, e que constituirá, cada vez mais, o arquivo de maior prestígio.

É realmente surpreendente que Pêcheux tenha pensado nisso há 20 anos, pois a realidade do seu pensamento não poderia ser mais atual.

O autor enumera várias razões que podem ter levado as coisas a esse ponto: aquilo que ele chama de “regras escolares e de uma assepsia do pensamento e a conseqüente falta de plurivocidade do sentido; ele cita também, como fator de desdobramento do processo, aquilo que ele chama de “arrogância e condescendência fóbicas dos literatos, o que provocou o seu isolamento cada vez maior, um isolamento não só cultural, mas também político.

De fato, isso nos faz pensar no radicalismo que existe ainda hoje em alguns setores da nossa Universidade, que insistem em se manter “de costas” para os acontecimentos que estão definindo as formas de difusão do conhecimento, como se escondendo o rosto, pudessem estar a salvo do processo. Ou ainda, nos faz pensar na incapacidade confessa da nossa Escola em manter o interesse dos alunos, e na sua incapacidade de propor desafios. Se pensarmos nessas situações, podemos entender, sem muita dificuldade, as razões que levam a Internet a ocupar, hoje, um papel tão importante, e um espaço tão grande. **Esse espaço é proporcional ao abismo que vinha se instalando nas últimas décadas entre os que tem licença de dizer e os que devem dar sustentação.**

Por outro lado, o discurso não é só uma questão de memória, de textualidade, mas é uma questão de esquecimento.

Pêcheux se insere no problema, cobrando dos “literatos e cientistas”: para os “literatos” ele dirige as seguintes questões: “você acreditam poder ficar assim à distância da adversidade que ameaça historicamente a memória e o pensamento? Acreditam poder ficar tanto tempo ainda protegidos, na casa de seu mundo de arquivo particular?” E para os “cientistas”, ele pergunta: “Vocês, a quem chamam de fabricantes-utilizadores de instrumentos, vocês acreditam poder ainda por muito tempo escapar à questão de saber para que vocês servem e quem os utiliza?”

É exatamente aí que a Análise de Discurso pode trabalhar, compreendendo estes esquecimentos e os efeitos de sentido que eles produzem nos dois discursos.

No discurso jornalístico, por exemplo, o esquecimento, ou melhor dizendo, o apagamento, se explica pela maneira como esse discurso convoca sentidos pré-construídos, ou seja, os sentidos da própria mídia e não os do discurso onde o fato se produz. Assim também acontece com o arquivo informatizado, determinado pelo pré-construído do discurso “científico” da rede, e não do discurso onde os textos aí disponibilizados são produzidos. Esse fato aproxima estes dois discursos na medida em que tanto um quanto o outro enumera textos sem dar a eles consistência, linearizando sua memória. Isso significa de certa maneira o impedimento do político, ou uma forma perversa de político.

Ao se referir às conseqüências ligadas a esse fato, diz que elas “repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória e história”. Ele fala do “risco de uma normalização asséptica da leitura e do pensamento, e de um apagamento seletivo da memória histórica”.

O autor evidencia, já nesse seu texto de 1982, a necessidade de se produzir um instrumental de análise que seja capaz de compreender os gestos de leitura que definem os arquivos informatizados, e que possa constituir-se em um pensamento crítico para se questionar os materiais “obviamente importantes” que se disponibilizam na rede.

Ou seja, se até hoje a Análise do Discurso se manteve atenta aos gestos de leitura que resultaram em determinados sentidos para a história, e se isso foi analisado, em grande medida, a partir de arquivos produzidos por “literatos”; nestes novos tempos, será preciso debruçar-nos sobre os gestos de leitura dos arquivos informatizados. Traduzir, tão fielmente quanto possível, a pluralidade dos gestos de leitura. Nos termos do autor “seria do maior interesse reconstruir a história deste sistema diferencial dos gestos de leitura subjacentes, na construção do arquivo.”

Citando Pêcheux, não se trata “nem de ceder às facilidades verbais de pura denúncia humanista do “computador”, nem se contra-identificar ao campo da informática (o que tornaria a reforçar o projeto desta), mas tomar concretamente

partido, no nível dos conceitos e dos procedimentos, por este trabalho do pensamento em combate com sua própria memória, que caracteriza a leitura-escritura do arquivo, sob suas diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo o que tende hoje a apagar este trabalho”.

Trata-se de um novo projeto de pesquisa e de trabalho, que talvez ainda não estejamos totalmente prontos para por em prática, como já estava Pêcheux para vislumbrá-lo, há duas décadas.

Por outro lado, acreditamos que esse projeto não poderá prescindir da noção de “acontecimento”. Ou seja, se o arquivo que constitui a REDE mundial de computadores é interpretável, entende-se que está, necessariamente, articulado a acontecimentos que lhe dão consistência. A matéria aí associada é dada, por um lado, pelo “Outro, o interdiscurso, que aí aparece na forma de pré-construído; e, por outro lado, pelo “outro”, ou seja, interlocutor. Toda a questão, para nós, se coloca, portanto, na descrição do acontecimento que produz o discurso virtual.

Referências Bibliográficas:

CASTELLS, Manuel – (2001) – A SOCIEDADE EM REDE . São Paulo. Ed. Paz e Terra S.A.

ORLANDI, E. (2003) – “Ler a Cidade: O Arquivo e a Memória”, in. PARA UMA ENCICLOPÉDIA DA CIDADE. Campinas. Ed. Pontes.

TOFFLER, Alvim (1991) - A TERCEIRA VAGA. Lisboa. Edição Livros do Brasil.

TOFFLER, Alvim (1991) - OS NOVOS PODERES. Lisboa. Edição Livros do Brasil.